

Filmes que Eu Amo, III

Masterclass de História do Cinema

Sessão 8 – 20 de julho de 2021 | LAWRENCE DA ARÁBIA (1962)

1. A SUPERPRODUÇÃO

A superprodução existiu quase desde sempre no cinema. Basta recordar os filmes históricos italianos, ainda na época do mudo, como "Cabíria", ou "Os Últimos Dias de Pompeia", ou os épicos de Griffith, "O Nascimento de Uma Nação" e "Intolerância", igualmente mudos. Sempre se pretendeu realizar o espectáculo "único" que despertasse o interesse de um cada vez mais vasto público.

Mas nos anos 50 e 60 do século passado, a explosão da superprodução teve ainda uma outra causa bem visível. A expansão da televisão, disseminando-se por todos os lares da América e do mundo, acarretou uma forte concorrência para as salas de cinema. Os produtores responderam com filmes que não se podiam ver da mesma forma no pequeno ecrã ou numa majestosa sala equipada com Cinemascope, Cinerama, TODD-AO, VistaVision ou 70 milímetros. Surgiram assim dezenas e dezenas de superproduções que marcaram esse período. Curiosamente, a grande maioria foi entregue a mestres do cinema que quase sempre provocaram problemas com os produtores. Os primeiros a tentarem criar obras pessoais com meios astronómicos, os segundos a procurar salvaguardar o capital empatado e a rentabilizá-lo o melhor possível. Em quase todos os casos, as obras finais, apesar dos protestos dos realizadores que se sentiam lesados na sua integridade, foram de grande qualidade cinematográfica e de generosos proveitos. "Spartacus", "A Queda do Império Romano", "El Cid", "Os 55 Dias de Pequim", "A Ponte do Rio Kway", "O Gigante", "Cleópatra", "Os Dez Mandamentos", "Ben Hur, "A Conquista do Oeste", e alguns mais, mostram bem as qualidades de cineastas como Stanley Kubrick, Anthony Mann, Nicholas Ray, Cecil B. De Mille, David Lean, John Ford, William Wyller, George Stevens, Joseph L. Mankiewicz, apesar de muitos deles se terem manifestado insatisfeitos com as montagens definitivas, muitas delas surgidas depois em "director's cut", quando editadas em DVD, ou mesmo em reposições em salas de cinema.

Entre todas estas superproduções que deixaram boas recordações e que pouco tem a ver com os blockbusters de agora, uma existe que se impõe sobre todas as outras: "Lawrence da Arábia".



2. LAWRENCE DA ARÁBIA

O inglês David Lean é um autor da minha particular estima, sendo que, ainda por cima, o julgo injustamente avaliado e, nalguns casos, mesmo esquecido. Mas David Lean é um verdadeiro autor, com temática própria e um estilo muito definido, ainda que se possam considerar na sua filmografia, que engloba 19 títulos como realizador, dois períodos bem vincados. Um, mais intimista e discreto, muito embora alguns dos seus títulos tenham por cenário a Inglaterra vitoriana ou os palcos da guerra, e que vai desde o início da década da 40, como "Sangue, Suor e Lágrimas" (1942), "Esta Nobre Raça" (1944), "Uma Mulher do Outro Mundo" e "Breve Encontro" (ambos de 1945), passando pelas duas magníficas adaptações de obras de Charles Dickens, "Grandes Esperanças" (1946) e "As Aventuras de Oliver Twist" (1948), até chegar a "Mais Forte que o Amor" (1949), "Culpada ou Inocente?" (1950), "A Barreira Sonora" (1952) ou "As Filhas do Sr. Hobson" (1954). É um período puramente britânico, que encerra algumas obras admiráveis de sensibilidade e pudor, de elegância e contensão emocional. Com "Loucura em Veneza" (1955) David Lean deixa os cenários ingleses, passa a Veneza, e trabalha com Katharine Hepburn e Rossano Brazzi, actores de outras nacionalidades. Este é o filme que marca a transição para o seu período internacional, o mais conhecido, que encerra

cinco superproduções de uma qualidade invulgar: "A Ponte do Rio Kwai" (1957) "Lawrence da Arábia" (1962) "Doutor Jivago" (1965) "A Filha de Ryan" (1970) e "Passagem Para a Índia" (1984), seu derradeiro título.

David Lean, que nascera em Croydon, Surrey, em Inglaterra, a 25 de Março de 1908, iria falecer em Londres, a 16 de Abril de 1991. Tinha 83 anos de idade e andava a projectar a realização de "Nostromo", segundo romance de Joseph Conrad.



David Lean deixou impresso na história do cinema mundial um conjunto de obras admiráveis. Para mim, "Breve Encontro" e "Lawrence da Arábia" são duas obras-primas indiscutíveis. Mas algumas mais se aproximam.

Thomas Edward Lawrence, inglês por nascimento, era oficial do exército, poeta, erudito e excêntrico, exibicionista e muito mais, que se tornou árabe por opção. Escreveu "Os Sete Pilares da Sabedoria", correspondia-se com Virginia Woolf, Bernard Shaw, Thomas Hardy, E.M. Forster, Robert Graves, Noel Coward, entre outros, e era amigo de Winston Churchil, em casa de quem aparecia, para jantar, vestido de árabe, para grande gáudio dos filhos deste. Dizem.

O filme, que tem argumento escrito por Robert Bolt, historiador, escritor e dramaturgo, e Michael Wilson, um dos argumentistas norte-americanos colocados na lista negra do macarthismo, parece não respeitar integralmente os acontecimentos históricos que aborda, mas oferece seguramente uma abordagem muito interessante de um período histórico conturbado. Estamos em plena I Guerra Mundial e, no Próximo Oriente, entre o Cairo, a Arábia e a Turquia, o clima é duplamente tórrido. Os árabes estão divididos entre si, com tribos rivais que se guerreiam e são dominadas pelos turcos, que por sua vez são aliados dos alemães e inimigos dos ingleses no conflito mundial.

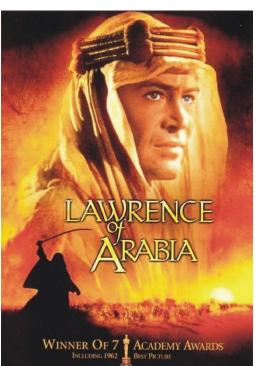
O filme inicia-se com o acidente de motorizada que, em 1935, vítima Lawrence, em Inglaterra, passa pelo seu funeral com honras nacionais e, através do testemunho contraditório de algumas personalidades que se cruzaram com ele, desdobra-se num flash back para o seu período passado entre os árabes. Encontramo-lo no Cairo, aborrecido com a sua vida sem agitação, ele que gosta de se pôr continuamente à prova. Consegue ser enviado como observador até junto do Príncipe Feisal, consegue congregar os esforços de tribos desavindas, e lança-as ao ataque do porto de Aqaba, dominado pelos turcos.



Os problemas decorrentes das lutas anticolonialistas são depois o cerne da obra, com Lawrence com uma visão moderna, levando os árabes a pensarem numa independência, enquanto os ingleses intimamente têm outros projectos para aquele espaço estratégico.

O que surpreende nesta obra, em primeiro lugar, é a aparente contradição entre a estrutura de superprodução e a sua concretização, tanto a nível do argumento, extremamente rico de implicações e nuances emocionais, sexuais, sociais, políticas, militares, como no plano estilístico. Não é muito vulgar uma superprodução internacional possibilitar uma tal maturidade de questões que, muito embora incorra numa ou noutra imprecisão histórica ou nalgumas liberdades ficcionais para dar algum dramatismo ao enredo, debate temas graves e de difícil apreensão pelas plateias habituadas ao facilitismo. Na verdade, não é só no plano estritamente político que o filme aborda questões essenciais. Aflora de maneira púdica e discreta o tema da violência sexual e da homossexualidade, nada vulgar em inícios da década de 60. Mas, para lá desses aspectos que se prendem com a ficção, "Lawrence da Árabia" impõe-se ainda pelo olhar do cineasta, pelo estilo de narrativa escolhido, pela forma como a paisagem adquire um papel preponderante em todo o desenrolar da intriga. Claro que existem sequências movimentadas e momentos de alguma intensidade bélica, mas, no essencial, "Lawrence da Arábia" é um filme contemplativo, onde várias personagens se confrontam e defrontam, sendo que as principais serão Lawrence e as areias do deserto. A câmara de David Lean, tal como Lawrence, deixa-se fascinar pela imensidão desse deserto infinito, pela incandescência da areia, pelas nuvens de poeira fustigadas pelo vento, e tudo isso faz desta obra um poema que tem sobrevivido aos anos e às gerações. Não será por acaso que entre todas as listas dos melhores filmes de sempre este ocupa um destacado lugar, sendo mesmo o primeiro nas preferências das melhores superproduções de sempre.

Este é ainda o trampolim decisivo para a carreira de Peter O´Toole, com uma composição brilhante, de uma discreta cintilação, que o tornará num dos maiores actores ingleses de sempre. Igualmente a esplendorosa fotografia de Freddie Young e a inspirada partitura de Maurice Jarre, compositor habitual das bandas sonoras de David Lean, ajudam ao sucesso. Um filme belíssimo.



LAWRENCE DA ARÁBIA

Título original: Lawrence of Arabia

Realização: David Lean (Inglaterra, 1962); Argumento: Robert Bolt, Michael Wilson (inicialmente não creditado, o que só aconteceu a partir de 1978, na cópia restaurada), segundo escritos de T.E. Lawrence; Produção: Sam Spiegel, David Lean; Música: Maurice Jarre; Fotografia (cor): Freddie Young; Montagem: Anne V. Coates; Casting: Maude Spector; Design de produção: John Box; Direcção artística: John Stoll, Anthony Masters; Decoração: Dario Simoni; Guarda-roupa: Phyllis Dalton; Maquilhagem: Charles E. Parker, A.G. Scott; Direcção de Produção: John Palmer, R.L.M. Davidson, Tadeo Villalba; Assistentes de realização: Noël Howard, André Smagghe, Roy Stevens, Bryan Coates, André De Toth (segunda unidade), Benchekroun Larbi, Michael Stevenson, David Tringham; Departamento de arte: Peter Dukelow, Eddie Fowlie; Som: John Cox, Paddy Cunningham, Winston Ryder; Efeitos especiais: Cliff Richardson, Wally Veevers; Agradecimentos especiais (restauro de cópia 1989): Jon Davison, David Lean, Martin Scorsese, Steven Spielberg; Companhias de produção: Horizon Pictures; Intérpretes: Peter O'Toole (T.E. Lawrence), Alec Guinness (Príncipe Feisal), Anthony Quinn (Auda Abu Tayi), Jack Hawkins (General Allenby), Omar Sharif (Sherif Ali), José Ferrer (Turkish Bey), Anthony Quayle (Coronel Brighton), Claude Rains (Mr. Dryden), Arthur Kennedy (Jackson Bentley), Donald Wolfit (General Murray), I.S. Johar (Gasim), Gamil Ratib (Majid), Michel Ray (Farraj), John Dimech, Zia Mohyeddin, Howard Marion-Crawford, Jack Gwillim, Hugh Miller, Robert Rietty, John Barry, Bruce Beeby, Fred Bennett, John Bennett, Steve Birtles, Robert

Bolt (oficial de cachimbo), Peter Burton, J.R.M. Chapman, Tim Clutterbuck, Barbara Cole, John Crewdson, Basil Dignam, Peter Dukelow, Mohamed El Habachi, Kenneth Fortescue, Harry Fowler, Jack Hedley, Rafael Hernández, Bert Holliday, Noel Howlett, Cher Kaoiu, Patrick Kavanagh, David Lean (motociclista no Canal de Suez), Ian MacNaughton, Clive Morton, Daniel Moynihan, Henry Oscar, George Plimpton, Bryan Pringle, Kamal Rashid, John Robinson, Norman Rossington, John Ruddock, Fernando Sancho, Stuart Saunders, Cyril Shaps, Roy Stevens, Barry Warren, etc. **Duração:** 216 ou: 228 minutos (Director's cut); Distribuição em Portugal: Columbia TriStar Home Video; Classificação etária: M/ 12 anos; Data de estreia em Portugal: 28 de Novembro de 1963.